



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVOLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIRE-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

27 de Março de 2010 • Ano LXVII • N.º 1723
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

CALVÁRIO

Padre Baptista

Fidelidade

NO alto da montanha Cristo contempla a vastidão do mundo e escuta: «Dar-Te-ei tudo isto se Te prostrares e me adorares».

Os homens, hoje, andam desenfreados na busca de tudo quanto possam obter, de tudo quanto consigam adquirir.

«Dar-Te-ei tudo isto» é a tentação de sempre e que leva o homem a querer sempre mais, a querer tudo. E as facilidades de aquisição são caminho fácil nos dias que correm.

Até mesmo, em nome daqueles que precisam, a Igreja, se não está

acautelada, entra nesta caminhada. Mas a actuação da Igreja, para ser verdadeira, deve permanecer evangélica: «Retira-te Satanás. Ao Senhor teu Deus é que hás-de adorar. Só a Ele prestarás culto».

Os fins não justificam os meios em situação alguma. Contudo, a Igreja, em nome dos Pobres, sofre a tentação de tolerar muita coisa, mesmo a subserviência ao Poder, para dele arrancar mais meios. Ora, «se não for o Senhor a edificar a casa em vão trabalham os construtores» — diz o salmista.

Verifica-se, na verdade, que a Igreja sofre a tentação irresistível

de andar de mãos dadas com o Estado, a fim de este lhe conceder meios necessários para a realização das tarefas que se propõe. A Igreja, com tal parceria, falsifica-se e dá a sensação de perder a fé no Senhor e no Seu poder. Parece vendida.

Não será melhor fazermos menos, mas evangélicamente, contando apenas com a força de Deus que tão bem sabe sugerir aos seus o dom da partilha?

Apresentar-se pobre ao lado dos Pobres e não rica, poderosa, influente ao lado dos necessitados, é seguir os passos do Mestre que veio até nós na sua maior pobreza.

O Estado gosta que lhe peçam, que se lhe submetam para, depois, mostrar o que vai fazendo pelos seus «servidores». O Estado só ajuda com esta condição. A Igreja, se vai na conversa, perde credibilidade.

Mas hoje é uma evidência a infiltração do Estado nas estruturas temporais da Igreja, nas suas obras, sobretudo de carácter social e cultural. O valor apologetico desta fica, assim, comprometido. A força do seu agir, nestas circunstâncias, aos olhos do mundo, vem dos poderes instituídos que lhe facultam os meios de acção e não da sua própria natureza.

Em nossas Casas tudo é feito por eles, rapazes e doentes. Daí o encantamento dos visitantes. Daí a presença destes e a sua ajuda colaborante. Daí o valor apologetico desta actuação.

A pobreza desejada é a nossa maior riqueza. Fazemos pouco, mas são eles, os obreiros, que o realizam. São os amigos da Obra que o permitem efectuar. Aqui, o Estado não aparece, mas o Senhor

que se serve dos seus para demonstrar a grandeza.

Na Obra da Rua temos vivido esta experiência ao longo dos anos. Vamos dando e fazendo com o que o Senhor nos entrega pelas mãos daqueles que para aqui vai enviando.

Compreendemos bem que rico é o Pobre segundo o Evangelho. A este nada falta, porque se contenta sempre e só com o que o Senhor manda e é feliz com o que vai possuindo.

Ultimamente, o Estado tem forçado a sua presença entre nós e em muitas instituições ligadas à Igreja, para dizer que quem manda é ele, já que é o detentor do dinheiro. Andamos acautelados e não nos vendemos por nenhum prato tentador, mesmo de saborosas lentilhas. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

A Cruz permanece

O mundo vai dando muitas voltas e a Terra também gira à volta do Sol...

Neste tempo, os divórcios aumentam, a fidelidade conjugal é ridicularizada e a taxa de natalidade vai reduzindo. E acontece uma autêntica tragédia, no que toca aos abortos: mais de 1,2 milhões, por ano, na União Europeia.

Na nossa Família, é inegável a importância da formação moral e espiritual dos filhos que nos são confiados, em situações de carências e desarranjos familiares. Quando são recebidos, nos nossos braços, geralmente os seus pais não vivem juntos. No caso do nosso benjamim, o progenitor é desconhecido, na papelada.

Não podemos ficar insensíveis nem imóveis, diante de sinais de uma sociedade sem pais nem mães. Quem vai introduzindo, com equilíbrio, no ambiente humano, as crianças e os adolescentes, quando é rejeitada a tarefa de impor regras?

O Luís Miguel, da Beira Baixa, é ladino. Tentar comer de faca e garfo é muito árduo, pois uma das mãos vai mais depressa à boca. E, às vezes, também cai comida no chão. Quando é admoestado, condói-se, com rapidez, assim: — Perdão, desculpe...

Em matéria de Fé, quando estão presentes e crentes, as mães e os pais são chamados a ser os primeiros educadores.

De manhãzinha, a mesa do quinteto dos pequenitos é a menina dos olhos da Casa. Dela se aproximam, cheirando a lavados e ar-

ranjados com roupa da loja do que nos dão, a saltar de contentes.

Na linha da melhor tradição judaico-cristã, aprendem a benzer-se e a abençoar a mesa. Fazer o sinal da Cruz e bem é exigente, mas necessário e possível. Da frente até ao peito, de um ombro ao outro, de forma que eles se sintam envolvidos, na Cruz em que a humanidade inteira foi redimida.

A cada passo, acontecem pequenas surpresas, agradáveis. O Divino faz hoje, a 15 de Março, 6 anos! E já dá um jeito ao Aliu, no sinal da Cruz; embora, também troque o movimento do Espírito Santo...

Conforme vão crescendo, o sinal então é cada vez mais precipitado e disforme. Isto não é pietismo. É realismo cristão. Não podemos cair na tentação de ser cristãos de mãos nos bolsos... O nosso testemunho de vida, no seio da família e da sociedade, tem grande repercussão no itinerário daqueles que partilham a vida connosco. A sua ausência pode conduzir ao vazio dos filhos. E, ainda, ao desconhecimento do mal moral, quando se faz algo que, em consciência, não se deveria ter feito. Formar bem a consciência humana é o maior desafio do educador.

Tem, também, o seu lugar primordial, entre nós, a transmissão da Fé cristã, tão encarecida pelo Padre Américo: «A Catequese é coisa tão santa que ainda hoje milhares de pagãos visitam o túmulo de Francisco Xavier, pelo que ensinou aos seus antepassados».

A meio da semana, ao cair da tarde, em Miranda do Corvo e Coimbra, há uma paragem obrigatória, no ambiente de agitação e distração. Os mais novos já não dispensam as imagens, certo é que ajudam a prender a sua atenção na Mensagem, para além da empatia com o agente da evangelização. Jesus Cristo é, para a maioria dos nossos, um Desconhecido, em terra de missão; mas, não é um super-homem... Gozamos, interiormente, estes momentos. E não nos compete calcular os frutos desta sementeira de generosos Catequistas.

Depois da permanência da chuva, urgia lavrar as terras fundas, que a Primavera está a chegar, na ponta das ameixoeiras.

Quem dera que os nossos filhos sejam criados para, livremente, escolherem sempre o Bem.

A Cruz de Jesus é a lição eterna. No Cruzeiro, voltado para a frontaria desta Casa, foi cinzelado, no granito: *Crux stat dum mundus volvitur* — Enquanto o mundo rodopia, a Cruz permanece. □

PENSAMENTO

Meus senhores e minhas senhoras, eis de como se operam as transformações da alma! O pequenino há-de compreender por si. Ele há-de conquistar. Mas isto só é possível deixando-o perfeitamente à-vontade.

Pai Américo



DO CALVÁRIO À PÁScoa

Padre João

UM silêncio provocante. Parece que ali não vive ninguém. É a sensação primeira de quem assoma ao portão do «Calvário». Depois de entrar por entre o arvoredo frondoso e as «aleluias» em parto primaveril da vetusta quinta vão aparecendo mãos laboriosas e rostos tisonados por trás dos quais se escondem histórias de sofrimento que ali encontraram, enfim, bálsamo, conforto — uma família: «Sabe a gente ganha amor a isto... é a nossa casa...!», diz o senhor Joaquim que partilha com o senhor Artur uma daquelas pequeninas moradias que povoam a quinta, como ninhos de melro de bico amarelo — que ele tão bem distingue.

«Uma formiguinha...» diz de si mesma a senhora Adélia envolta — que parece — num mistério de silêncio profundo acompanhado de fecunda actividade. Há 5 anos que ali reside e encontrou motivos para viver e servir. Nunca está parada, parece, isso mesmo: «uma laboriosa formiguinha» no carreiro escondido de um qualquer mosteiro.

Para entender o «Calvário» é preciso mergulhar com muita humildade no viver quotidiano daquela Casa e muito mais: mergulhar no mistério que é a vida de cada ser humano ferido nos caminhos poeirentos da vida e desejoso de ser redimido...

Continua na página 3

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

«O MEU PAI CONTINUA A REALIZAR OBRAS ATÉ AGORA, E EU TAMBÉM CONTINUO!» (João, 5,17) — O Evangelho é sempre um bom mote para tudo o que vale realmente a pena fazer. Do de hoje retiramos a passagem atrás transcrita. A passagem que vem logo a seguir também é cheia de significado: «Perante isto, mais vontade tinham os Judeus de O matar, pois não só anulava o Sábado, mas até chamava a Deus seu próprio Pai, fazendo-se assim igual a Deus». Que Deus tão especial Este em Quem acreditamos! Não só nos permite, mas até faz tudo o que pode para que sejamos iguais a Ele... com uma condição: que cumpramos o principal Mandamento que nos ensinou. Com as fraquezas todas de seres humanos pecadores que somos, nos vários cantinhos d'O GAIATO e neste também, aqui estamos a lembrar isto todas as quinzenas e a dar conta de alguns desses sítios por onde Deus anda a realizar a sua Obra. Na parte que nos toca, quem continua a realizar essa Obra são muito os nossos leitores. A isso nós só juntamos as nossas mãos, cheias de limitações.

Nos últimos tempos temos andado a cuidar principalmente do caso da senhora com deficiência que veio cá parar pelas mãos da Segurança Social, sem qualquer apoio familiar por perto. As Vicentinas que ficaram com esta incumbência têm-na visitado assiduamente e cuidado das necessidades a que vão podendo acudir. Estão, também, a fazer um grande esforço no sentido de levar a senhora a modificar alguns hábitos de vida, de maneira a que se possa ir gradualmente integrando na comunidade local, passando a sentir-se melhor na localidade onde agora vive. Está a ser uma missão difícil, mas lá se chegará, com certeza.

Também se tem andado de olho em cima no caso do senhor com epilepsia. Teve um acidente de que está a recuperar, com o apoio temporário dos pais já idosos. Já lhe providenciamos uma habitação mais condigna para quando voltar a poder andar pelo seu pé. Foi vê-la na semana passada levado por mão amiga e por um Vicentino. Diz quem o viu nessa altura que isso lhe está a dar um grande ânimo para voltar a ganhar gosto à vida. Quem dera, assim, que quando para lá for deixe o plano inclinado por onde a sua vida ainda relativamente jovem estava a escorregar.

Que a época pascal em que estamos seja para todos os Leitores, para o nosso País e para o resto do mundo, mais um momento de apelo à passagem da morte para a Vida.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. □

Pelas CASAS DO GAIATO

SETÚBAL

Padre Acílio

«BULA» — Com aspecto físico capaz de enternecer o coração mais duro, «Bula», a entrar na adolescência, tem revelado grandes dificuldades.

Como todos têm pena do menino, ele julga-se rei e habilitado a fazer o que lhe dá na gana.

Encontrou há dias, arrumado, um pacote transparente de amendoins com três quilos e pôs-lhe a mão, a caminho da catequese. Facilmente arranjou três compinchas para o ajudar a consumir as alcagoitadas.

Uma bolsada cada um, ele com o pacote debaixo do braço, ia ser uma sessão de doutrina de se lhe tirar o chapéu, a moer e saborear os amendoins toda a santa hora, às escondidas da catequista! Mas, o Hélio, a caminho, cheirou, viu e tirou-lho com um ralhete por ser aquela hora: — *Vão comer amendoins para a catequese?*

Hélio trouxe a embalagem para o escritório e entregou-a, dias depois, à senhora que a guardou na salinha e se esqueceu dela.

Alguns dias depois, numa manhã, a senhora professora, vem com o «Bula» e mais três, fazer queixa à D. Conceição: — *Eles foram para a escola comer amendoins.*

«Bula», tinha ido, de novo, acaçar o mesmo embrulho ao armário da salinha e distribuía aos amigos na sala de aula os acepipes da sua *conquista*.

Apanhado, de novo, foi chamado a tribunal perante a comunidade e

ficou uma semana sem merenda. Esperemos que «Bula» se ponha no seu lugar já que todos gostam dele, sofrem e querem a reconquista da sua saúde, mais ainda o seu bom nome.

PODA — Com os rapazes, aos Sábados de manhã, temos andado a podar a vinha. Cada planta tem o seu tratamento específico. As regras de uma não servem para as outras.

Veio um vizinho ensinar-nos a cuidar das videiras, e, com ele, aprendemos a podá-las.

Verificou o nosso *mestre* que a vinha, o ano passado, fora muito mal tratada e mostrava-nos os exemplos. Como se deve fazer e porque não pode ser assim.

A vinha e a videira são elementos frequentes na história do Povo de Deus e instrumentos que os Profetas e o Próprio Jesus utilizou, para fazer a revelação do profundo desejo divino de comungar com os homens.

Familiarizar os rapazes com estas plantas é também abrir-lhes caminho para entenderem melhor os pensamentos do Senhor.

É muito diferente a ideia feita pela visão longínqua de uma vinha, por exemplo, da estrada, da sensação que se tem, ao entrar dentro dela e observar de perto, cada uma das cepas e muito mais quando se cuida de cada uma, particularmente.

A cepa é enxertada no bravo. Como nós, fomos enxertados por Cristo, no Baptismo. Em nós, o homem bravo

— o Adão, é enxertado pelo Homem Novo, Jesus Cristo, e é da enxertia que vêm os frutos.

Temos muitas cepas na nossa vinha que só tem vides de bachelos bravos. E toda a parte nova morreu. Porque tendo-se desenvolvido o bravo, a outra de cima, perdeu a força, secou e desapareceu.

Há mesmo muitos metros de carreiras de cepas extintas, vendo-se rodadas e rodadas de sarmentos bravos no chão.

Imagem viva do cristão que se deixa corromper e desenvolve no seu interior maus sentimentos, desejos, paixões e ambições.

O Homem Novo, proveniente da enxertia cristã, desaparece, ficando apenas o velho, cada vez mais velho.

Quando os rapazes voltarem a ouvir as profecias e as parábolas iluminadas pelo exemplo da vinha e da videira, entendê-las-ão muito mais profundamente.

Não é só a comunhão com a terra que se pratica na Casa do Gaiato, é também a sabedoria que dela brota espontaneamente e entra, intuitiva e forte, no sentimento e na inteligência dos rapazes.

Há ainda a escolha dos sarmentos e das vides mais fortes que se devem privilegiar dando sempre a primazia às mais baixas, ordinariamente, as varas do vinho.

Poda é assim uma ciência de vida e também uma pré-preparação catequética. □

Implantação da Obra da Rua ou Obra do Padre Américo

CASAS DO GAIATO

PORTUGAL

Casa do Gaiato do Porto
Mosteiro • 4560-373 PAÇO DE SOUSA
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799
E-mail: obradarua@iol.pt
NIB: 0045 1342 40035524303 98

Casa do Gaiato de Beire
4580-281 BEIRE
Tel./Fax: 255 776 178
E-mail: gaiato-calvario@sapo.pt
NIB: 0018 0000 06209336001 33

Casa do Gaiato de Miranda do Corvo
Bujos • 3220-034 MIRANDA DO CORVO
Tel.: 239 532 125 • Fax: 239 532 099
E-mail: gaiatomiranda@sapo.pt
NIB: 0035 0468 00005577330 18

Casa do Gaiato de Setúbal
Estrada da Casa do Gaiato
2910-281 SETÚBAL
Tel.: 265 501 227 • Fax: 265 529 064
E-mail: cgsetubal@sapo.pt

ANGOLA

Casa do Gaiato de Malanje
C. P. 192 MALANJE
E-mail: casadogaiatodemalanje@gmail.com

Casa do Gaiato de Benguela
C. P. 820 BENGUELA
Tel./Fax: 00244 272 232 266
E-mail: gaiatobenguela@netangola.com

MOÇAMBIQUE

Casa do Gaiato de Moçambique
Boane • C. P. 591 MAPUTO
Tel.: 00258 21 49 52 48
Fax: 00258 21 49 52 49
E-mail: gaiato.maputo@tropical-web.com

CALVÁRIO

Calvário
4580-281 BEIRE
Tel./Fax: 255 776 178
E-mail: gaiato-calvario@sapo.pt
NIB: 0018 0000 06209336001 33

LARES DO GAIATO

PORTUGAL

Lar do Gaiato do Porto
Rua D. João IV, 682
4000-299 PORTO
Tel./Fax: 225 370 300

Lar do Gaiato de Coimbra
Trav. Padre Américo
3000-313 COIMBRA
Tel.: 239 712 648

Lar do Gaiato de Lisboa
Rua Ricardo Espírito Santo, 8 r/c, dto.
1200-791 LISBOA
Tel.: 213 966 333

Lar do Gaiato de Setúbal
Rua Morgado de Setúbal, 91
2910-700 SETÚBAL
Tel.: 265 537 798

Oficinas:
Rua Camilo Castelo Branco, 22-A
2910-444 SETÚBAL
Tel.: 265 523 054 • Fax: 265 537 799

ANGOLA

Lar do Gaiato de Luanda
Rua Ferreira do Amaral, 80
C. P. 1788 LUANDA — ANGOLA

LARES DE FÉRIAS

Colónia de Férias da Casa do Gaiato
Rua do Gaiato
4480-164 AZURARA

Colónia de Férias da Casa do Gaiato
Rua Padre Américo
3070-727 PRAIA DE MIRA

Lar de Férias da Casa do Gaiato
Portinho da Arrábida
2925-378 AZEITÃO
Tel.: 212 180 527

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Casa do Gaiato de Setúbal
Algerúz
2910-281 SETÚBAL
Tele.: 934 612 499

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

FESTAS — A 27 de Março, Sábado, pelas 16.00h, vamos participar numa festa, no Coliseu do Porto, apresentando uma adaptação de um conto tradicional (O coelhinho branco), uma peça de teatro (O Zé das moscas) e uma canção dos Gaiatos de Miranda do Corvo. Toda a comunidade está radiante com mais esta oportunidade, de encontro da Família de Pai Américo.

VIDA ESPIRITUAL — Como tem sido habitual, mensalmente, temos a oportunidade de celebrar o Sacramento da Reconciliação, na nossa Capela. Mesmo alguns dos mais novos, que ainda não foram

baptizados, têm ido falar com o Sacerdote que tem vindo confessar.

Ao Domingo, temos celebrado sempre a Eucaristia. Há muita dificuldade em rezar o Terço. Depois do jantar, rezamos a Oração da Noite.

A Quaresma é um tempo necessário para prepararmos bem a Ressurreição do Senhor, na nossa vida.

AGRO-PECUÁRIA — Com os temporais, caíram várias árvores no chão das matas, em especial pinheiros. Foi preciso cortar e carregar essa madeira.

Lavraram-se alguns campos, para a sementeira da aveia. Com alguns dias de sol, parece que caiu neve no

pomar; pois, está coberto de pampinhos, com flores brancas.

Uma porca tem estado doente. Uma ovelha meteu a cabeça na rede da cerca, mas conseguimos tirá-la.

MENINO NOVO — A 2 de Março, foi recebido um menino com 3 anos, chamado Aliu, que veio da zona de Lisboa. É o Batatinha mais pequeno, na casa-mãe. Muitas felicidades!

PARTILHA — A todos os nossos Amigos que nos têm enviado as suas ofertas, para ajudar na nossa vida, queremos agradecer profundamente. Feliz Páscoa! □

PAÇO DE SOUSA

Alberto («Resende»)

DESPORTO — Sempre ouvi dizer que: «quem sai aos seus, não degenera». Neste caso, parece que os filhos não saem ao Pai. Pai Américo, «... punha alguma vaidade, era um exímio jogador de pião. Lançava-o com gana, fazia-o zunir e adormecia-o em rodopio veloz, na palma da mão». Quem o diz, não sou eu, mas sim, alguém do seu tempo de menino.

Seus filhos, parecem ter mais inclinação para jogar futebol. Tal como Pai Américo no pião, eles são ligeiramente vaidosos a jogar a bola. Ora, este fim-de-semana, recebemos os Juniores da U. D. Abragense, da A. F. Penafiel. Os nossos Rapazes, ao contrário do habitual, estiveram pouco concentrados no jogo, e não foram além de uma vitória por 2-1. André «Espanhol» fez 1-0, apesar de, todo o tempo que esteve em campo, não ter mostrado «raça» e

muito menos valentia — tem que jogar mais desinibido; assim como o «Joaninha». Eles têm capacidade para muito mais do que aquilo que, por vezes fazem. O Abragense conseguiu fazer o 1-1. O 2-1, foi obtido por intermédio de André «Garnisé», depois de uma jogada individual e genial do mesmo. Para a história fica o resultado, e uma exibição pouco conseguida.

Uma semana depois, foi a vez de recebermos os Juniores do G. D. C. Ferreira, da A. F. Porto, que, por sinal, vão em primeiros, na respectiva série. Gente muito querida, desde os atletas, até ao resto da comitiva. Fomos, ainda antes do jogo, convidados para um torneio quadrangular, em Maio e em casa deles, o que desde logo agradecemos.

Um jogo disputado taco-a-taco, até meio da segunda parte. Depois,

veio ao de cima a «raça» e a força dos nossos Rapazes. António Pedro saiu ainda antes do intervalo, completamente arrasado, depois de ter feito 35 minutos, com uma enorme vontade de vencer.

Apesar de termos sofrido o primeiro golo do encontro, empata-mos, pouco depois, por intermédio de «Bonga». Eles não baixaram os braços, mas foi a equipa da casa que fez o 2-1, com um golo saído dos pés de «Joaninha». Logo no começo da segunda metade do jogo, o G. D. C. Ferreira fez o empate; mas, Ricardo Sérgio, ao seu jeito(!), desempatou, fazendo o 3-2. Como quem não quer... e um pouco «molengão», André «Espanhol» salta do banco e, mais uma vez, fez funcionar o marcador, colocando-o em 4-2. Para fixar o resultado final, Agostinho, também ele saído banco, fez o 5-2. □

MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

A Quaresma é o tempo da conversão

A grande lição do Evangelho deste Domingo é a história do filho pródigo. Não sei porque lhe chamam assim porque a Palavra é a expressão mais profunda do acolhimento amoroso que Deus dá ao pecador convertido. Dá para mergulhar fundo no Ser de Deus, Aquele que É. A conversão n'Ele é a transformação radical do humano no divino, seguindo o caminho inverso da transformação do divino no humano. Deus desdobra-se e mistura-se. A Quaresma é o tempo da conversão e por isso vem a propósito.

É difícil explicar aos Rapazes o que é o perdão, porque instintivamente reagem à ofensa ou à mais pequena provocação, com a violência. Grandes para pequenos ou destes para os mais velhos. Parece estar no sangue. Por isso no Domingo procurei ser o mais claro possível e tive de repetir por outras palavras e mais demoradamente, na segunda, após a oração da tarde. E tenho a certeza que a muitos não chegou ao coração, embora passasse pelo entendimento. E um que seja fora do

caminho, é logo causa de agitação, no seio desta família tão grande.

Tenho de os confrontar com a violência, de que foram vítimas até aqui chegarem e dificilmente esquecem. Tenho de chamar a atenção para a violência que aqui bem perto acontece quando o povo, farto de roubos, quer linchar quem apanha, como tinha acontecido, ainda naquela semana, a alguém que há muitos anos esteve no meio deles e se transviou e foi acolhido na Casa Esperança, para cuidarmos dos seus ferimentos. Como muitos já vão lendo os jornais, vêem os assassinatos semanais de polícias por bandidos, de pessoas da própria Justiça assaltadas e roubadas. De tantos colegas e outros que conhecem, a quem roubam o dinheiro para as compras de casa e os documentos. Não chega para convencer de que há algo de terrível na nossa natureza humana, que necessita reflexão e mudança.

Violência porquê? É claro que não é próprio de pessoas educadas. O educado sabe perdoar, sabe até oferecer a outra face se

lhe batem. Mas mesmo assim, ninguém como Deus. É necessária uma conversão profunda dos nossos corações. Não a conversão para o Pobre sem abrigo, as vítimas da catástrofe e de guerras, para os que sofrem na prisão por culpa própria ou coisa de pouca monta, quando tantos outros, tão importantes socialmente, fazem o pior e conseguem driblar a justiça criminal, que nem consegue beliscá-los. Essa conversão tem de ser sequência da verdadeira.

Mas a conversão para o outro, seja o que ele for para nós, é para Deus o seu próprio Filho. Que grande reviravolta no mundo se todos ouvíssemos a Sua voz e não endurecéssemos os nossos corações. Mas quem é capaz de ir tão longe se nos consideramos justos e não pecadores! Por vergonha, eufemismo, por covardia, uma tolice, porque a Deus nada pode ser encoberto. Por incapacidade sim, de nos descobrirmos como pecadores, e de sermos incapazes de perdoar. Com que amargura Jesus disse: — Pai perdoai-lhes porque não sabem o que fazem! □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

CAMPANHA DE NOVOS ASSOCIADOS — Continuamos a receber, a bom ritmo, novas inscrições. Registámos: José Tolentino Rodrigues, “Bessa”; Manuel Carlos Oliveira Neves, “Sardinha”; Armando Serrano de Oliveira, “Canário”, e esposa, Albina Sousa Pinto. Paulo Jorge da Silva Machado, “Inhanha”; Ricardo Jorge Garcia e Rosa Maria Pinto da Silva Garcia. Vem inscrever-te à nossa sede, ou contacta-nos pelos tels. 912163569 ou 917414417.

DONATIVOS — Temos vindo a receber algumas migalhas dos nossos Amigos que serão bem empregues para equipar a biblioteca e o bar/cantina da Associação e para dinamizar algumas actividades culturais e recreativas.

CARNAVAL — Em tempos de crise, rir é o melhor remédio, por isso levamos a efeito um cortejo de Carnaval com prémios aliciantes para os melhores mascarados. Quando leres estas linhas, já foi realizado com alegria e entusiasmo redobrado. Este ano, foi ainda servida uma merenda partilhada por todos, novos e menos novos, abrihantada pela “tocata musical” composta pelos nossos associados. Agradecemos a presença do Director

da Obra da Rua, Padre João Rosa, que nos incentiva a reforçar os laços de união fraterna entre todos e a divulgar o mais possível a todos aqueles que por um motivo ou outro ainda desconhecem os fins da Associação.

PASSEIO — Estamos a programar um passeio aberto a todos os antigos gaiatos e familiares. Das várias sugestões recebidas para locais a visitar, a preferência recai, este ano, em Santiago de Compostela. O dia escolhido aponta para o fim-de-semana de 1 de Maio (Sábado). A seu tempo, daremos conta do programa completo. Assinala já na tua agenda o dia do passeio e inscreve-te na sede, pois as inscrições são limitadas.

NOVAS ACTIVIDADES — As actividades da associação não param, pois os nossos associados são muito exigentes e fazem muitas sugestões. Tentamos concretizar algumas para um salutar convívio entre todos. Depois da festa da passagem, tem havido festas de aniversário dos associados. Vamos promover mais algumas actividades na nossa sede. Assim começaram já as aulas de culinária como uma demonstração de como se fazem as papas à lavrador. No fim, foram aprovadas pelos estômagos dos presentes, nome-

adamente os gaiatos mais pequenos, que já são presença assídua. Continuam abertas, as inscrições para aulas de desenho e pintura, assim como aulas de guitarra clássica e cavaquinho.

Aos Domingos, à tarde, vamos promover um torneio de cartas, denominado “sueca”. Se tens gosto e vontade, vem até à sede inscrever-te e darás o tempo por bem empregue. Haverá prémios para os melhores.

SEDE — Queremos que a nossa sede seja um ponto de encontro e sirva para estreitar os laços fraternos das várias gerações de gaiatos com os mais novos. Para concretizar este nosso desígnio, continuamos a melhorar as instalações tentando que seja confortável para quem nos visita.

Contamos com a ajuda dos nossos Amigos e Leitores d'O GAIATO para pôr a sede o mais funcional possível.

LOJA SOCIAL — Continuamos a receber dos nossos amigos e benfeitores algumas encomendas para a futura loja social, como objectos de decoração e têxteis-lar, livros, cds, dvd's, quadros, medalhas, brinquedos, uma bicicleta, uma televisão, um frigorífico, um computador e colecções diversas, etc. □

CORRESPONDÊNCIA DOS LEITORES

«Escolhi este postal (Amar é sofrer; não amar é morrer.), pelos dizeres, não pela novidade, antes pelo contrário, porque é um dos vossos lemas. Ou, antes: é o vosso dia-a-dia, o vosso viver nessa Obra que tanto admiro.

Assinante 5956»

«Para regularização da assinatura d'O GAIATO, reforçado com um modesto donativo para tão grandiosa Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. Aproveito

o ensejo para manifestar o meu apreço e encorajar todos os que nela trabalham a prosseguir os objectivos humanos, sociais e evangélicos do seu Fundador.

Assinante 51658»

«Envio cheque para continuarem a vossa Obra não só na educação dos miúdos como dos vossos pobres. Se for necessário retirar o custo do jornal (que leio sempre com admiração pelo que conseguem minorar as condições

em que tanta gente vive — quanto dinheiro mal ganho e gasto há por aí, tanta inconsciência, egoísmo, maldade!), agradecia o fizessem, não vão ter problemas com os que só vêem o mal onde não o há!

Assinante 44131»

«Estou em grande aflição com pai e mãe velhinhos querendo-me deixar e partir para o Pai. Peço uma oração por eles. O meu sofrimento não importa.

Assinante 5580»

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

PASSEI há mês e meio por uma paróquia do interior, onde o frio e a chuva são mais intensos, para me inteirar das preocupações do Pároco, expostas por carta e por telefone e ver, in loco, a situação das casas do Património.

Vim doente!...

Como foi possível, em tempos tão difíceis, levantar casas para pobres e, agora, com muito mais facilidades, deixar-se desmornar tudo?!

— Que o Património dos Pobres do Padre Américo trouxe muitos problemas à igreja — acusa-nos.

A igreja não cuida dos pobres, como devia e, agora, sofre as consequências — verificamos.

Li que um dos recados do Papa, na sua próxima visita a Portugal, é desinstalar os fiéis leigos. Sim, que assim seja. Mas não só os leigos. Há muita instalação por esse mundo de Deus!

Eram duas vivendas geminadas. Numa, a família progrediu, desenvolveu-se economicamente, imigrou para Lisboa e, agora, utiliza a casa, nas férias. Na outra, a miséria humana era mais forte. O homem bebia, batia e arranjou outra mulher deixando a sua, com três filhos, criados à solta. Tão à solta que o mais novo, com vinte anos, batia na mãe. Teve de ser afastado da casa, pelo tribunal, por violência doméstica.

A pobre mulher, doente. Metia dó naquela espelunca. Um barrote do canto do telhado tinha apodrecido e a água daquele lado, embicava toda para dentro do compartimento, alagando a casa.

No quarto onde dormia, também o telhado estava partido e a água escorria a um canto. O soalho, todo podre. A casa de banho, apenas com uma sanita. Nem água quente, nem esquentador. Nem, nada. A cozinha, um borralho da lenha e dois bancos.

As janelas, tapadas com papelão e plástico apregoavam abundantemente o abandono a que tinha sido votada!

Que se pretendia? Vender as casas aos utentes por um preço simbólico e lavar daí as mãos!

Oh, meu Deus! Como é possível pensar assim, e agir em conformidade?

Não é aquela situação familiar, uma chamada violenta à conversão? Não se evidenciam ali, os pecados de omissão da comunidade cristã daquela vila?

Não tem o Espírito de Deus e os que O possuem, capacidade para remediar todos estes males?!

Onde está toda essa força? — Parece que somos uns derrotados!

O senhor que me recebeu foi-me relatando todo o desalento perante a força miserável de toda aquela família.

Os filhos partiam os vidros das janelas e, a princípio era ele que os punha mais outros amigos visitantes daqueles pobres. Estes, nunca colocaram nenhum. Nem se interessavam pela casa. Ao desânimo, seguiu-se o abandono e ao abandono, aquele inferno!

Como estou dorido!... é que não consigo convencer sozinho aquela comunidade, nem outras que a nossa comunhão com Deus não é autêntica nem verdadeira se não comungamos também com os pobres, dando-lhes a mão sem desânimo, na certeza de que se não vencermos a miséria nesta geração, vencê-la-emos, noutras, a seguir. A miséria não nos derruba. A nós que possuímos as primícias do Espírito. Muito menos, o desânimo! Apoiemo-nos em Deus!

Comprometi-me com cinquenta por cento para a renovação daquela casa a ver se as pessoas se animavam.

É um escândalo vender a casa, mesmo por nada, naquele estado àquela pobre e deixá-la em semelhante desolação! □

DO CALVÁRIO À PÁScoa

Padre João

Continuação da página 1

O requisito maior é, porém, perceber que se trata “de um nome tirado do Evangelho. É o resumo de toda Economia da Redenção... uma Obra humana de sabor divino — como recordou o Pai Américo. O Calvário não é um “lugar” comum. Ali, cada vida parece um espantoso hino de louvor pascal: o sorriso do Zézinho, inocente, sem pecado, limpando as ervas aninhadas nos regos da calçada; o ombro-a-ombro da Odete no da sua irmã ou alegria do Nelito que não cabe em si de contente porque alguém lhe ofereceu uma simples carteira vermelha da cor do “seu” clube... são atitudes que definem e distinguem o Calvário, como um lugar original; um lugar celebrativo da Páscoa do Senhor: “onde cada padecente leve sim mas não arraste a sua cruz dolorosa” como o disse magistralmente Pai Américo. Ali “procura-se tornar válido o inválido para que esqueça e seja alegre”... Para o mundo “o incurável é um estorvo... mas na hora em que a chamada ciência se retira começa o poder de Deus... o incurável é uma fortuna... Eles são páginas em sangue de teologia...” Ali, mais que em qualquer outro lugar faz todo o sentido rezar baixinho: “Anunciamos Senhor a Vossa morte, proclamamos a Vossa Ressurreição, vinde Senhor Jesus”. □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

O casal fazia-se acompanhar de uma carta do seu pároco quando se nos dirigiu. Vinham pedir uma ajuda para a sua vida carente de meios de subsistência e de ânimo para lutar.

Com um filho casado e outro adolescente em idade escolar, sem emprego e com reduzido rendimento, vinham expectantes de algo em que os pudessemos ajudar.

Não é comum este modo de nos procurarem. Habitualmente há uma necessidade em vista que é preciso colmatar. Impunha-se, por isso, conhecer o seu mundo. Foi o que fizemos, logo de imediato.

A casa onde vivem era uma casa velha quando a compraram, há anos, com financiamento bancário. O seu intuito era melhorá-la. Conseguiram fazê-lo enquanto os rendimentos o permitiram, chegando à construção da laje de tecto. Mas as suas possibilidades terminaram aí.

Desde essa altura passaram-se já alguns anos. Entrados na casa logo percebi onde estava a primeira carência desta família.

Por sinal, o desenho do perímetro da construção, nada simples, associado a ter contígua a parte da casa ainda por recuperar, tornava mais oneroso o trabalho de se lhe aplicar o telhado. Não estava, no entanto, perante uma situação de alguém insensato que constrói acima das suas possibilidades. Era gente simples, que de coisas gastas pelo tempo procurava construir um tecto para viver, simples como eles.

Logo lhes disse para procurarem dois orçamentos, à sua medida, para a execução do telhado.

Passados uns dias vieram com eles e, confiadamente, disse-lhes para o mandarem fazer.

Agora que, numa terceira visita, fui ver o trabalho já pronto, a frase que a dona de casa me disse foi a garantia do pagamento de todas as despesas: «Quando o senhor

padre nos disse que pagava o telhado, nessa noite chorámos». Choraram antes de ver o trabalho começado...

Temos visto outras situações semelhantes, de famílias que, tendo a laje de tecto feita, dão por terminada a construção de sua casa. As humidades e outras consequências causadas pelos Invernos, que lhes entram em casa por não terem telhado, são causadoras de doenças respiratórias e de outra índole, deixando marcas neles para toda a vida, especialmente nos seus filhos que nascem e crescem nesses ambientes.

Esta herança que recebem por não poderem acabar convenientemente o seu ninho, cria-lhes outras dependências que não deixam que a sua vida melhore. Hospitais e farmácias, e tantas vezes incapacidade para o trabalho, serão pesos a complicar a sua vida.

É preciso aliviar estas situações. Não podemos passar ao lado. □



Notas do Tempo

• É visível que patriotismo não está em moda. Como se uma tal atitude do espírito, são, equilibrada, pacífica, fosse susceptível de modas...! Penso que não é, mas de facto está. É que «entre ser e estar há a divergência de verbo que corresponde à realidade», como escreveu Catulo da Paixão Cearense.

Com a minha actual dificuldade em andar, uso algumas vezes, no regresso a casa, as escadas rolantes de dois aglomerados de lojas chamados «shopings», as quais me poupam na subida da Baixa até ao Lar. Reparei um dia destes que se contam pelos dedos os nomes em português do que se lê nos letreiros das ditas lojas. Na verdade, pela linguística comercial, somos já uma colónia britânica.

Mas não é só ali. Também em grandes cartazes em prédios de apartamentos. E no cançonetismo em voga, quase sempre nomeados grupos e os cantares em língua estrangeira. E na Imprensa aparecem todos os dias notícias, geralmente a propósito de violências e de escalas de valores relativas ao desporto, à arte, às grandes fortunas e a outras coisas mais... que usam palavras complicadas, quase todas em inglês, para as exprimir. Será que não têm

dicionário nem imaginação para as traduzirem adequadamente à nossa língua — tanto mais que, em regra, relatam factos cada vez mais banalizados a que voltam com muita frequência?!

Será que a Língua já não é vínculo fundamental para a identidade de um Povo, para o desenvolvimento e partilha de uma cultura própria? Não é, até, o falar a mesma Língua uma razão para o estabelecimento de relações privilegiadas entre Povos diferentes e autónomos?

Sabe-me a indignidade este menosprezo da sua Língua por cidadãos que a têm como Língua pátria. E que dizer das Autoridades, nomeadamente as de âmbito cultural, que assistem a este atropelo, indiferentes, impávidas, sem reacções que obstem, que defendam, que promovam a Língua que também é sua e é valor de base do Povo que dizem governar?!

• Tem ligação com isto o reparo que segue.

Amanhã, relativamente à data de saída desta edição d'O GAIATO — jornal que não nasceu principalmente com tal objectivo, mas onde se cuida de servir correctamente a Língua portuguesa — amanhã, dia 28 de Março, ocorrem

duzentos anos sobre o nascimento de Alexandre Herculano. Quem viu, quem sabe de celebração condigna desta efeméride?

Alexandre Herculano não é apenas um Nome dos maiores da Literatura portuguesa, nomeadamente na espécie da História. Foi um Homem de carácter, de uma honestidade magnífica, que gastou a sua vida servindo: as Letras, o Saber, na medida do seu talento; mas também a sua Pátria, o seu Povo, com o seu pensamento profundo, a sua intervenção social, a sua dedicação ao Príncipe que educou e foi o Rei D. Pedro V cuja vida generosa acompanhou e lhe sofreu a morte com o estremecimento de um pai. Podia ter sido um grande do Estado, fazer fortuna. Servir foi a sua missão enquanto lho pediram e pôde fazê-lo. A sua ambição era a lavoura, área em que também foi sábio. E assim acabou seus dias, em 13 de Setembro de 1877 em Vale de Lobos nos arredores de Santarém. Será que, ao menos ali, a sua memória foi recordada?

Homens de têmpera e da medida de Herculano — quantos contará a História de Portugal?

Mas o carácter, a honra, a dignidade parece que também não estão em moda. Se calhar é por isso que o silêncio foi a comemoração do segundo centenário do nascimento de Alexandre Herculano.

Padre Carlos

BENGUELA

Padre Manuel António

Temos esperança

ANTES de me sentar para vos escrever estas notas, Alguém bateu à porta dos meus ouvidos e disse-me: «Reparte o pão com o faminto, dá pousada aos pobres sem abrigo, leva roupa ao que não tem que vestir e não voltes as costas ao teu semelhante». É uma palavra cheia de luz. Mostra o caminho certo da minha vida. Por isso, quero partilhá-la convosco. Estou a ver esta velhinha, com um saco de plástico na mão, aberto para receber comida. Quatro mães de família pedem dinheiro para comprar fuba de milho, que os filhos estão em casa com fome. Quero cumprir a palavra. Avancemos juntos. As paredes estão levantadas. Faltam as chapas para a cobertura. Quanto custam? Leva o dinheiro para que possas cobrir a tua casa e a família tenha a pousada dos pobres. E mais e mais e mais!

É tempo da Quaresma. A nossa sensibilidade humana e cristã faz-se mais viva para agora e sempre. Quem dera! O toque veio de muito longe. O telefone anuncia a presença da família Carneiro de Almeida. Vive nos Estados Unidos, há muitos anos. Não se esquece, porém, da nossa Casa do Gaiato. Sentiu-a muito dentro do seu coração, quando a conheceu, há mais de três dezenas de anos. Esse amor não se perdeu. Por isso, as grandes alegrias da sua vida são partilhadas connosco. Foi o que aconteceu, há dias. Ao celebrar os 60 anos do seu matrimónio, a prenda mais bonita para o seu coração foi a colheita duma ajuda para a nossa Casa.

Quanta alegria nos trouxe este gesto tão profundamente humano e cristão! Cumpre-se, deste modo, em sua vida, a palavra do início destas notas.

Sei que esta notícia vai entrar no seu lar, porque O GAIATO também é membro da família. Leva-lhe um abraço fraterno e cheio de coragem para se manter fiel até ao fim das suas vidas.

Neste tempo, em que a instabilidade familiar é uma nota dominante em qualquer sociedade, com as consequências desastrosas das quais os filhos são uma das principais vítimas, o exemplo deste casal, como de muitos outros, é um foco de luz muito forte. É um verdadeiro ideal.

Há dias, apareceram-nos três crianças pequeninas. Vinham dum lar completamente nulo. Não pudemos acolher nenhuma, de momento. Já têm o lugar seguro em nosso coração. Muitos outros filhos vagueiam pelas ruas da cidade de Benguela e Lobito. O futuro deles e da sociedade está em causa.

A instabilidade social é gerada no modo de vida que têm. Que fazer? O problema teria uma das soluções à vista se os responsáveis de cada comunidade cristã ou comunidade civil fizessem um levantamento simples da situação das crianças da respectiva área. Detectados os males, buscar-se-iam os remédios, dentro do possível. Os braços cruzados ou as simples lamentações não curam mal algum.

Queremos fazer mais. Temos esperança. □

REFLECTINDO

Padre Telmo

ENCONTREI hoje o meu amigo das duas muletas. Estranhei vê-lo só, pois andava sempre com dois companheiros — também mutilados.

— Então?

— Fulano e fulano morreram.

Ficou só com suas muletas e os copitos que bebe com as migalhas que recebe ao longo do dia...

Bem pobre!, sem palavras, sem amigos e sem família. Ser nada, custa e é doloroso.

Tu, Senhor, foste nada — depois da flagelação, coberto de sangue, sem roupa, sem voz e sem um carinho amigo que Te acompanhasse...

Veio depois a fala de Pilatos: «Crucificai-O».

Seguiu no meio da turba, e por troça o coroaram de espinhos — como Rei e com maus tratos.

Nada! Do Filho de Deus fizeram um trapinho.

* * *

«Então Tu és Rei». «Sim, mas o meu Reino não é deste mundo».

«O que é a verdade?» Pilatos ficou atrapalhado com a palavra — verdade — mas com medo dos chefes romanos, acabou por condenar Jesus. A sua reputação, o seu lugar, o bem instalado fecharam a porta à verdade.

A verdade exige coragem, renúncia e o salto incondicional para o bem, para a justiça.

* * *

Antes de ser pregado na Cruz — o Senhor ficou nu!, depois um pano mal ajeitado! Sentiu-se abandonado — como perdido no deserto.

A seguir a cruz no chão e Ele de mãos e pés entregue aos pregos...

Não és Tu o Senhor das flores dos jardins dos Reis? Não Te pertence a beleza do mar calmo e imenso? Não podes colher a maravilha das estrelas e da lua e da luz vista dum penedo solitário?

Levanta-te! Sim, eu sei que Tu ressuscitaste e colheste nas Tuas mãos em concha todas as belezas. Aleluia! □